



SIBILLAS

As mensageiras dos Deuses

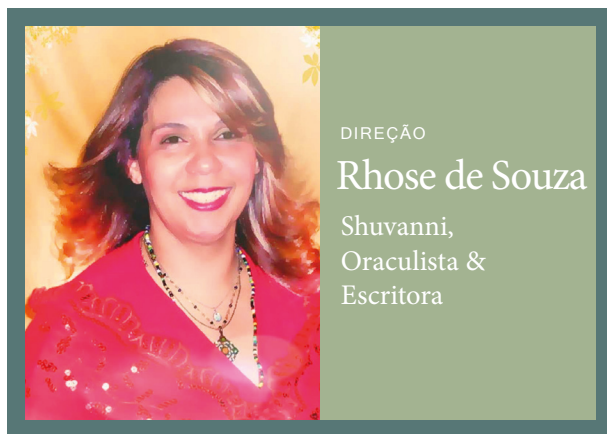


AULA 8



NOSSOS OBJETIVOS:

- Levar o conhecimento da Cultura e Tradição Cigana.
- Oferecer cursos e atendimentos que proporcione a busca do conhecimento e autoconhecimento individual e em grupo.
- Nossa meta é atender a necessidade da busca do ser para o seu crescimento. Sejam bem-vindos!



FACILITADORA:

Shuvani - Tsara Gitana Carmem Romani Sunacai
Oraculista, escritora, numeróloga e orientadora metafísica.

“É uma honra compartilhar meus conhecimentos para que você encontre seu cawminho de destino e evolução”.



Baralho Gigano

Tradição de Acampamento

CURSO PRESENCIAL!

INÍCIO: 14/08

SÁBADOS - DAS 11H AS 13H

**8 AULAS,
30 TÓPICOS
EBOOK
CERTIFICADO**

Abra a sua mente para um caminho de conhecimento e autoconhecimento que florescerá em seu coração tornando-o um farol que ilumina o caminho a ser trilhado!

Investimento: 170,00

em até 3X (Pix, cartão ou boleto bancário).

Inscreva-se: www.carmemromanionline.com

SIBILLA HELESPONTICA

A Sibila Helênica era a profetisa da antiga região de Helesponto, que compreendia o estreito dos Dardanelos, que comunicava o mar de Mármara com o Egeu e se estendia entre a península de Galípoli e a costa de Bagha.



Tradicionalmente, ela é representada segurando três espigas de trigo na mão esquerda, enquanto na direita ela carrega um livro. Apesar dessa tradição, esta Sibila pode aparecer segurando um ramo de lírios .



Heráclito, o primeiro autor grego a falar da sibila, no século V a.C., em citação de Plutarco em *De Pythiae Oraculis*, diz que Herófila se exprimia “com uma boca delirante, sem sorrisos, sem ornamentos, sem dissimulações, e sua voz chegava além de mil anos graças ao deus”. Segundo o historiador e geógrafo Pausânias, os habitantes de Alexandria diziam que a sibila era sacerdotisa de Apolo Esminteu. Proferia seus oráculos na forma de enigmas e os escrevia em folhas.

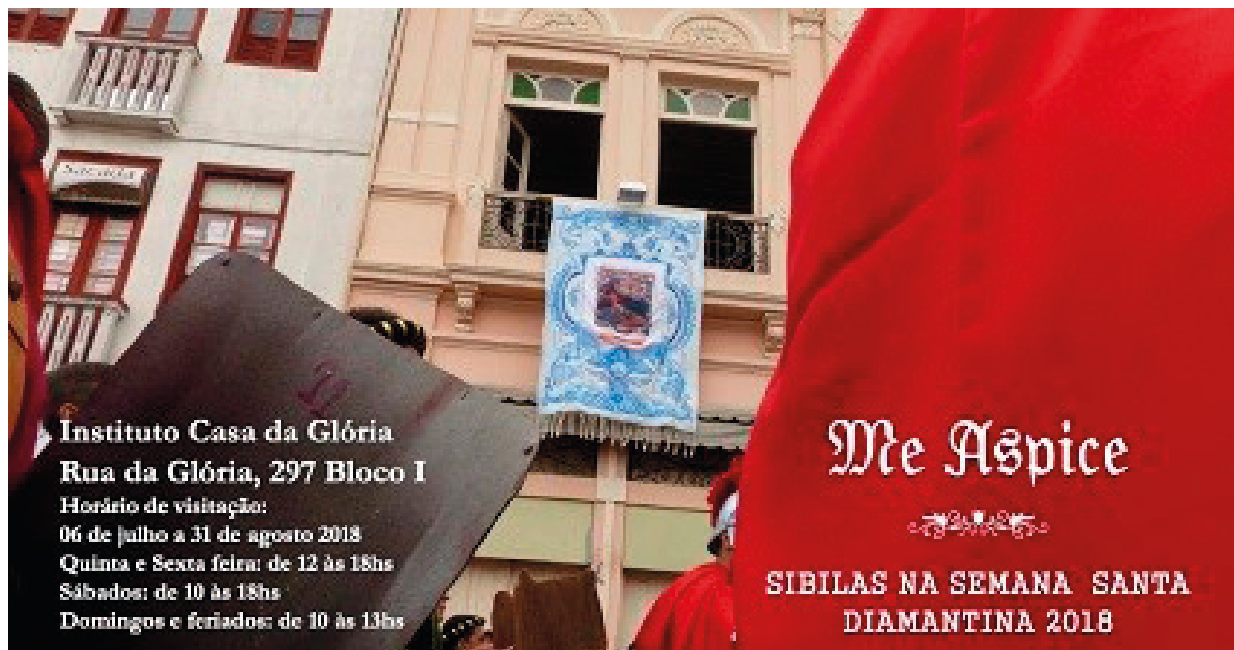
Contam que compôs um hino em honra de Apolo. Trazia sempre com ela uma pedra em cima da qual subia para fazer os presságios. Essa pedra foi conservada em Delfos depois de sua morte e no

tempo de Pausânias era mostrada aos interessados. Também se dizia que seu túmulo ficava no bosque de Apolo Esminteu. Morreu em Trôade.

A Canção da Sibila foi tradicionalmente cantada durante séculos para a voz dos sonhos de uma criança, já que os Padres da Igreja proibiam as mulheres de fazê-la dentro dos templos, exceto nos mosteiros femininos. Com esta proibição, perdeu-se a presença profética da figura feminina que a proclamava.

O patriarcalismo da Igreja privou, assim, as mulheres da possibilidade de transmitir a palavra divina. Graças a esta canção milenar, a luz das Sibilas - Déléfica, Persa, Líbia, Cumea, Eritreia, Samiana, Cumana, Helesponic, Frígia E Tiburtina - ainda está viva na voz e na figura feminina.

Instituto de Arte e Cultura de Diamantina apresenta projeto “Me Aspice”: Sibilas na Semana Santa



O Instituto de Arte e Cultura de Diamantina – Diarte apresentou o projeto Me Aspice: “Sibilas na Semana Santa”, concebido pelo fotógrafo Bernardo Magalhães em 2018 Me Aspice: *“olhe para mim”*, em latim, teve como objetivo chamar a atenção da população diamantinense para esse bem artístico e histórico único no Brasil: As Sibilas de Diamantina.

Elisa Grossi - Brilhante

A cidade histórica possui um patrimônio artístico

talvez não encontrado em nenhuma outra cidade colonial do Brasil: os panos quaresmais sibilísticos, além das pinturas sobre madeira na abóbada da capela-mor da Capela de Nosso Senhor do Bonfim.

As sibilas de Diamantina e região têm uma importância universal e reafirmam a sobrevivência de um antigo mito que foi se adaptando em diferentes lugares.

O mito das sibilas tem um fôlego inigualável e de certa forma sobrevive até hoje. A previsão do futuro é

desde os primórdios da humanidade um saber desejado e altamente sedutor.

Marcelo Brant

Reproduções fotográficas desses panos foram ampliadas e impressas em tecido e dez artistas locais foram convidados a trabalhar o contorno dessas imagens para compor as tradicionais colchas da Semana Santa que adornam as sacadas dos casarões coloniais da cidade durante esse período.

Os artistas convidados e suas Sibilas:

Samia Abbas: Sibila Libyca: Igreja do Bonfim;

Fernanda Alvarenga: Sibila Ciméria: Igreja das Mercês;

Marcial Ávila: Sibila Phrigya: Igreja do Bonfim;

Marcelo Brant: Sibila Europea: Igreja das Mercês;

Juliana Cyrillo: Sibila Libyca: Igreja do Carmo;

Elisa Grossi: Sibila Tiburtina: Igreja do Amparo;

Vanessa Pádua: Sibila Tiburtina: Igreja do Bonfim;

Adriana Reis: Sibila Helespontica: Igreja de São Francisco;

Parísina Ribeiro: Sibila Delphica: Igreja do Bonfim;

Graciola Rodrigues: Sibila Cassandra: Igreja do Rosário.

As obras foram expostas nas sacadas das casas seguindo os roteiros das procissões da Semana Santa: do Domingo de Ramos até o Domingo de Páscoa de 2018. O resultado do trabalho dos artistas pode ser apreciado de perto. O vídeo produzido documentando essa intervenção está disponível no link: https://youtu.be/3_AvKL5NtA8





Figuras proféticas da mitologia antiga, as Sibilas tiveram um alcance temporal extraordinariamente longo no decorrer da história da humanidade. Elas faziam o elo entre o profano e o sagrado, o humano e o divino. Suas profecias traziam o futuros coletivos como resultados de guerra, decisões políticas e a riqueza ou pobreza das nações.

Da vasta osmose espiritual entre oriente e ocidente na antiga Babilônia, as Sibilas migraram para a mitologia greco-romana, onde se tornaram profetisas do deus Apolo. Foi no ano 325 de nossa era, durante o Concílio de Niceia, que as profetisas foram incorporadas ao cristianismo pelo imperador Constantino.

A partir de então, as Sibilas passaram a ser representadas ao longo da história cristã, através de diversas linguagens artísticas, como a pintura, o desenho e a escultura. Suas representações mais conhecida são as cinco Sibilas de Michelangelo pintadas no teto da Capela Sistina, no Vaticano.

Da Itália meridional, epicentro do antigo Império Romano e coração do catolicismo, o mito das Sibilas irradiou para a França, a Alemanha e o restante da Europa. Chegou tardiamente a Portugal, onde sua representação plástica não teve muita fortuna se comparada ao restante do continente. Contudo a cidade de Braga, na região do Minho, norte do país, manteve ao longo dos séculos a tradição do Cântico da Sibila. mesmo após sua proibição pelo Concílio de Trento.

É intrigante a presença das Sibilas no Arraial do Tijuco, especialmente quando se considera que em Portugal o tema não inspirou nem os artistas, nem os mecenas na Idade Média, e é quase ausente na idade moderna.

Entre os mistérios que rodeiam as Sibilas, desde sua origem na Babilônia estão os caminhos que percorreram para chegar até aqui, e sua forte presença no antigo Arraial do Tijuco.

RESTAURAÇÃO DOS VÉUS QUARESMAIS:



Em Diamantina, as Sibilas estão presentes em quatro imagens no teto da Capela do Bonfim, em pinturas datadas do final do século XVIII, e em seis véus quaresmais, pertencentes às ordens terceiras, inventariados pelo IPHAN.

Estamos comemorando o início do trabalho de restauração desses panos através de um projeto do Instituto de Arte de Cultura de Diamantina-Diarte aprovado pela Secretaria de Estado de Cultura, com verba do Fundo Estadual de Cultura.

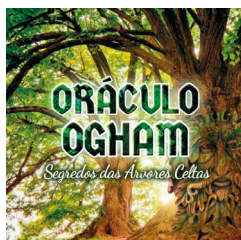
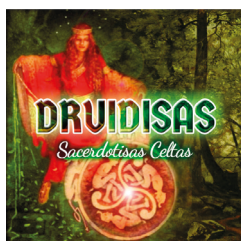
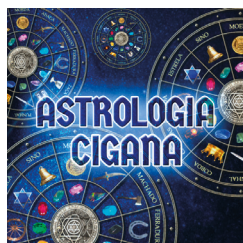
Foi graças ao trabalho da Diarte com a participação do Sr Ângelo Oswaldo, Secretario de Cultura do Estado de Minas Gerais que estamos apresentando a Sibila Tiburtina, desaparecida de nossa cidade e recentemente recuperada.





UNIVERSIDADE
HOLÍSTICA
Carmem Romani Sunacai

CONFIRA NOSSOS CURSOS ONLINE



Inscreva-se:

www.carmemromanionline.com